

AS REPRESENTAÇÕES DO BASILEU ISAAC II ANGELUS NAS CRÔNICAS DE NIKETAS CHONIATES E DE MAGNUS VON REICHERSBERG NO CONTEXTO DA TERCEIRA CRUZADA

LEONARDO DA SILVA LOPES¹;
DANIELE GALLINDO-GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – leonardo.lopes@ufpel.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Bizâncio está diretamente ligado ao advento da cruzada, deflagrada pelo papa Urbano II em seu discurso na cidade de Clermont no ano de 1095. Contudo, identificar a natureza das relações que ocorreram entre os mundos do cristianismo grego e latino durante o período das quatro primeiras cruzadas em direção à Terra Santa, de 1095 até 1204, trata-se de uma tarefa no mínimo complexa.

Para somar a esta complexidade, existem diferentes interpretações e considerações acerca da influência de Bizâncio no advento das Cruzadas. Como nos apresenta Frankopan (2012, p. 6), “[...] o chamado às armas emitido por Urbano foi o resultado de um apelo direto por ajuda do imperador de Constantinopla, Aleixo I Comneno, no Oriente”. Contudo, para o autor, Aleixo I teria perdido a influência sob o movimento das cruzadas, o que foi o catalisador das desavenças posteriores (FRANKOPAN, 2012).

Diferentemente, Harris (2014) indica que a deflagração da Primeira Cruzada não ocorreu a partir do apelo do *Basileu*, uma vez que este se considerava mais relevante que o próprio papa nas questões religiosas e o centro de todo o mundo cristão, com Constantinopla, sua capital, como a cidade mais sagrada da cristandade. Essa perspectiva nos oferece alguma explicação sobre o desenvolvimento das tensões entre os cristãos gregos e latinos, principalmente entre a Primeira Cruzada (1096-1099) e o Saque de Constantinopla (1204). O autor ainda indica que as políticas diplomáticas de Bizâncio nunca foram formuladas “[...] em termos pró ou anti-latinos, mas sim sobre a doutrina do *Translatio Imperii* e na consequente necessidade de defender Constantinopla e assegurar o reconhecimento do status do imperador” (HARRIS, 2014, p.121). Nesse sentido, todas as decisões diplomáticas tomadas pelos romanos, no contexto das cruzadas, são sempre na perspectiva da defesa da *Oikoumene*, ou seja, o império romano e suas áreas de influência política (HARRIS, 2014, p.28), inclusive por parte dos imperadores das dinastias Comneno e Angelos entre 1095 e 1204 frente aos exércitos latinos cruzados.

Ao examinar o papel desempenhado por Bizâncio no movimento das cruzadas, bem como os efeitos delas no pensamento bizantino, Wright (2011, p. 55) indica que o principal impacto dessa relação foi a marginalização do império pelos cruzados latinos. Nesse sentido, o desenvolvimento das cruzadas pelos latinos desafiaria a posição de centralidade no mundo cristão obtida pelo Império Romano (WRIGHT, 2011).

Talvez a cruzada mais impactante do ponto de vista da relação entre o mundo latino e grego, seja a Terceira, ou Cruzada dos Reis, de 1189 a 1192. Trata-se de uma cruzada muito bem documentada, principalmente ao considerar a participação do Imperador germânico Frederico I Barbarossa (FALBEL;

ARAÚJO, 2010). Deflagrada após a conquista de Jerusalém por Saladino em 1187, a cruzada teve início com a movimentação de Frederico Barbarossa em direção à Anatólia, em caminho semelhante ao da Segunda Cruzada. Contudo, desavenças diplomáticas com o *Basileu* Isaac II Angelus causaram o ataque cruzado a duas cidades cristãs, Adrianópolis e Philippopolis, capturadas entre 1189 e 1190. As fontes produzidas no período que relatam esses acontecimentos dão centralidade à figura de Isaac II, tanto pela sua efetiva contribuição para o aumento das tensões entre Bizâncios e os exércitos cruzados, quanto pelo seu papel no desfecho da desastrosa Quarta Cruzada. Nesse sentido, compreender a representação do *Basileu* nas fontes é relevante para identificar a natureza das relações entre ambos os lados no contexto da Terceira Cruzada.

Sendo assim, o presente trabalho se estrutura a partir do estudo comparado de duas representações do *basileu* Isaac II, presentes nos escritos do historiador e escritor bizantino Niketas Choniates (CHONIATES, 1984 [c. 1210], p. 197-248), sobre o reinado de Isaac, e do monge latino Magnus von Reichenberg (MAGNUS VON REICHERSBERG, 2010 [c. 1195], p. 149-168), sobre a Cruzada do imperador Frederico Barbarossa. Torna-se necessário destacar que ambas as fontes foram escritas quase que imediatamente após os acontecimentos narrados, e foram produzidas por pessoas diretamente ligadas ao contexto que documentavam em seus escritos.

Segundo Loud (2010, p. 149), Magnus foi responsável por compilar na sua crônica uma grande quantidade de escritos de pessoas que acompanharam Barbarossa em sua expedição, como a carta de Diepold, bispo de Passau, e o diário de Tageno, Deão de Passau. Quanto ao trabalho de Niketas, o próprio historiador bizantino indica que realizou seus escritos a partir da narração dos eventos que ele próprio presenciou, mas para eventos em que isso não seria possível, como o reinado de João II Comneno (1087-1143) por exemplo, registrou o que ouviu “daqueles contemporâneos que conheceram pessoalmente o imperador e que o acompanharam em suas campanhas contra o inimigo” (Choniates, 1984, p.4). Contudo, Urbainczyk (2018) indica que Choniates escreveu também a partir de crônicas anteriores.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa busca identificar a construção da imagem do *Basileu* Isaac II Angelus a partir da análise comparada de duas fontes, distintas em contexto e objetivo de escrita. Essa análise é baseada nos seguintes parâmetros: a maneira como o processo de ascensão de Isaac é apresentado; o desenvolvimento da diplomacia entre Bizâncio e os cruzados; e a responsabilização de Isaac pelos aspectos negativos da Terceira Cruzada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ambas as fontes são escritas alguns anos após os acontecimentos narrados e por pessoas de certa maneira vinculadas ao contexto das cruzadas. Contudo, a natureza das suas produções é grandemente distinta.

A crônica de Magnus von Reichenberg, escrita por volta de 1195, trata-se de uma descrição detalhada da cruzada de Frederico I, desde a sua saída de Colônia até o período após a sua morte no rio Saleph. A descrição da passagem dos exércitos cruzados pelo território bizantino não difere em muito de outras fontes do período (FALBEL; ARAÚJO, 2010), e basicamente apresenta os gregos,

mais especificamente seu Rei¹ Isaac II, como traiçoeiros e culpados em atrasar o avanço da cruzada em direção à Terra Santa.

Em determinado momento, Magnus relata que, com o objetivo de compreender a sequência de acontecimentos narrados, “[...] é desejável inserir aqui uma carta explicando esta história, escrita nas regiões do outro lado do mar e enviada para as nossas terras [...]” (MAGNUS VON REICHERSBERG, 2010, p. 153). Nessa carta é descrito o ambiente de instabilidade em que Bizâncio se encontrava na década de 1180, quando Andrônico I Comneno assume o poder em Constantinopla a partir de um golpe e realiza um verdadeiro expurgo dos apoiadores do antigo regime. Segundo Magnus, por enfrentar uma grande oposição logo no começo do seu reinado (1183-1185), Andrônico realizou um acordo com o chefe militar muçulmano e Sultão do Egito e da Síria, Saladino. O acordo exigia a tomada de Jerusalém por Saladino, que deveria entregar uma porção da cidade para Bizâncio. Após a conquista da cidade, Andrônico não deveria permitir a passagem dos exércitos de cristãos pela Anatólia em direção a Terra Santa e em auxílio do reino cruzado de Jerusalém. Após a queda de Andrônico, frente ao golpe de Isaac II Angelus e da indignação do povo de Constantinopla, o novo *Basileu* reforçou o mesmo acordo com o líder muçulmano. Magnus (2010, p.154) indica que Isaac “[...] cumpriu esse mesmo tratado por meio dos melhores e mais nobres homens que possuía [...] pois odiava e temia os Latinos”. Nesse sentido, as ações de Isaac II no desenrolar dos acontecimentos da Terceira Cruzada foram, para Magnus von Reichersberg, deliberadamente direcionadas para impedir ou pelo menos atrasar o avanço do exército de Frederico I.

Escrita entre o final do século XII e o começo do século XIII, a crônica de Niketas Choniates é um complexo relato dos imperadores bizantinos após a morte de Aleixo I Comneno, entre 1118 e o final da década de 1210, dividido em dez capítulos. O trecho do texto relevante para esta análise é o quinto capítulo, que trata da ascensão, reinado e queda de Isaac II Angelus. Contudo, trata-se de uma leitura complexa, ou nos termos de Kaldellis (2009, p.75): “a montanha a ser escalada é alta e íngreme [...] se a vista promete ser espetacular, a subida certamente será traiçoeira”. Para o autor, diferente de outras fontes bizantina, há diversas contradições na obra de Niketas, que retrata diversas figuras tanto de maneira negativa quanto de maneira positiva, como o próprio Isaac II.

Em sua obra, Choniates descreve um monarca indeciso e facilmente influenciado, principalmente nos primeiros anos de seu reinado. Segundo o historiador bizantino, as tensões entre Bizâncio e os cruzados começou com o rompimento de um tratado que garantia a livre passagem dos exércitos de Frederico, e também com a prisão de enviados latinos em Constantinopla. As decisões tomadas pelo *Basileu* nesse contexto teriam sido influenciadas pelos diplomatas bizantinos que foram enviados em um primeiro momento para tratar com Frederico.

Segundo Choniates (1984, p. 221), os enviados do imperador “[...] por ignorância das suas obrigações e da sua falta de masculinidade, provocaram a ira do Rei [Frederico I] contra os Romanos e induziram o imperador a considerar o Rei um inimigo”. De uma maneira semelhante, o próprio Choniates se coloca como alguém capaz de influenciar as decisões do imperador com relação aos enviados latinos, uma vez que ele se encontrava relutante em tomar uma atitude

¹ Magnus von Reichersberg se refere à Isaac como Rei dos Gregos e não o reconhece pelo seu status de imperador.

frente ao avanço dos cruzados. Sobre essa questão, o historiador escreve: “Omito o que foi dito entre mim e o Imperador, que merece mais condenação do que elogios, e digo apenas que ele foi finalmente persuadido a permitir que os enviados retornassem ao Rei” (CHONIATES, 1984, p.225).

4. CONCLUSÕES

A partir da análise das duas fontes anteriormente apresentadas, é possível identificar que em ambas as crônicas a figura do *Basileu* Isaac II é compreendida como a principal responsável pelo desenvolvimento das tensões entre latinos e gregos durante a passagem do exército de Frederico I pelo Império bizantino.

Contudo, essa responsabilização pelos resultados negativos da cruzada, por assim dizer, é construída de uma maneira distinta em cada texto. Para Magnus von Reichersberg, Isaac atua com a intenção de prejudicar o avanço da cruzada. Portanto, para o latino, Isaac é compreendido como o “inimigo”. De outra maneira, Niketas Choniates indica que as más decisões diplomáticas tomadas por Isaac foram fruto unicamente da sua incapacidade de analisar o cenário político à sua frente. Nesse sentido, o historiador constrói a figura do *Basileu* como “o cego”, ou seja, aquele que não é capaz de tomar as decisões que protejam efetivamente a *Oikoumene*.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHONIATES, Niketas (trad. Harry J. Magoulias). **O City of Byzantium: Annals of Niketas Choniates**, Wayne State University Press, 1984.

FALBEL, Nachman; ARAÚJO, Vinicius. A última Cruzada De Frederico Barbarossa No Liber Ad Honorem Augusti. **Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity and Middle Ages**, n. 10, 1, 2010, pp. 158-183.

FRANKOPAN, Peter. **The First Crusade: The Call from the East**. Cambridge: Harvard University Press, 2012.

HARRIS, Jonathan. **Byzantium and the Crusades**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014.

KALDELLIS, Anthony. Paradox, Reversal and the Meaning of History. In: SIMPSON, Alicia; EFTHYMIADIS, Stephanos (ed). **Niketas Choniates: A Historian and a Writer**. Geneva: Pomme d'Or, 2009, p. 75-99.

MAGNUS VON REICHERSBERG. (trad. Graham A. Loud). **The Chronicle of Magnus of Reichersberg**. In: LOUD, Graham A. **The Crusade of Frederick Barbarossa: The History of the Expedition of the Emperor Frederick and Related Texts**. Farnham: Ashgate, 2010. p.149-168.

URBAINCZYK, Theresa. **Writing about Byzantium: The History of Niketas Choniates**. New York: Routledge, 2018.

WRIGHT, Chris. On the margins of Christendom: the impact of the crusades on Byzantium. In: KOSTICK, Conor. (ed). **The Crusades and the Near East**. Londres: Routledge, 2011, p. 55-82.